
Editorial

A Revolução Digital: Explorando a Interseção entre Tecnologia e Sociedade

LIDIA MARÔPO

lidia.maropo@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, CICS.NOVA

SUSANA BATISTA

susanabatista@fcsh.unl.pt

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH)

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, CICS.NOVA

Introdução

As tecnologias digitais têm transformado vertiginosamente as atividades humanas. Um pequeno número de grandes plataformas digitais, cujo modelo de negócio funciona à base da recolha de dados para a venda de publicidade direcionada, no chamado capitalismo de vigilância, está no centro das transformações socioculturais e político-económicas (Poell et al., 2019; van Dijck, 2014; Zuboff, 2019). A sua influência é marcante desde as formas individuais de apresentação do self às sociabilidades, desde o ativismo social ao funcionamento dos sistemas democráticos, desde a experiência de consumo ao próprio sistema económico (Castillo-Esparcia et al., 2023; Hund & McGuigan, 2019; van Dijk, 2021).

Este número da Revista Medi@ções, com capa de Maura Quaresma, dedica-se a debater esta relação entre a vida social e as tecnologias digitais a partir de estudos empíricos e reflexões teóricas. Vinculados principalmente com dois campos do saber, o da comunicação e o da educação, os artigos analisam contextos bastante diversos, mas têm um propósito em comum: melhor compreender os desafios e as oportunidades colocados pelos usos das tecnologias digitais.

Organização dos artigos

No primeiro artigo, intitulado *Ecossistema digital e a vida social mercantilizada: uma reflexão teórica sobre indivíduos e sociedades na era da plataformização*, Bárbara Janiques de Carvalho introduz conceitos fundamentais para o debate acerca do ecossistema digital contemporâneo: dataficação, sistemas algorítmicos, colonialismo de dados e processos de plataformização. A proposta desta reflexão teórica é oferecer “pistas” para melhor percebermos a mercantilização da vida social pelas grandes plataformas, as chamadas *big techs*, e ao mesmo tempo apontar para a necessidade de formas mais justas de apropriação dos espaços digitais que possibilitem o exercício de uma cidadania digital.

De autoria de Francisca Porfírio, o segundo artigo, *Desafios na gestão, privacidade e proteção dos dados digitais das crianças: uma abordagem sobre o sharenting*, reflete sobre a exposição de crianças online promovida por pais ou cuidadores. O *sharenting*, partilha de imagens e informações sobre os filhos nos media sociais, tem sido uma prática generalizada, embora levante questões em relação à privacidade e autonomia dos mais novos. Tendo em conta o controlo e utilização que as plataformas digitais fazem dos dados das crianças,

o artigo sugere boas práticas que respeitam os seus direitos.

No terceiro artigo, *Recursos práticos para o bem-estar digital juvenil: temas e estratégias*, Ana Kubrusly utiliza a análise temática como método para examinar 15 recursos práticos em língua portuguesa voltados para a promoção do bem-estar digital juvenil. O objetivo é verificar quais os principais temas, estratégias e recomendações neles abordados. Na confluência entre o campo da comunicação e da educação, o artigo contribui para o mapeamento e reflexão crítica sobre estes recursos úteis para pais, professores, crianças e jovens, entre outros atores sociais que se preocupam em promover uma relação saudável com as tecnologias digitais.

Tatiana Matos é a autora do quarto artigo intitulado “*Sem Instagram, não havia associação*”: *redes sociais e participação cívica juvenil em contexto escolar*. Através de um inquérito por entrevista a cinco jovens com perfil associativo, o trabalho analisa a sua perceção sobre o papel que as redes sociais, nomeadamente o Instagram, têm tido na promoção da participação cívica nas associações de estudantes do Ensino Secundário em Portugal. Sobressai uma perceção positiva desta rede social como um meio fundamental de ligação entre os alunos e o alerta para a necessidade de promover o diálogo entre os

gestores das escolas e os estudantes.

A reflexão teórica de Pedro Khauaja em torno da *Autonomia crítica e os usos de Inteligência Artificial no processo pedagógico: proposta de uma incompatibilidade conceitual* lança o mote para os artigos diretamente relacionados com o campo da educação. A discussão parte da ideia de que as tecnologias de Inteligência Artificial (IA), limitadas na geração de conhecimento novo, podem entrar em tensão com os princípios formativos da educação, especialmente no que diz respeito à promoção da criatividade e da autonomia dos estudantes. O texto convida à consideração da IA como ferramenta complementar a uma relação pedagógica dialógica e centrada no desenvolvimento pleno do aluno, de maneira a não comprometer a construção de uma autonomia criativa.

João Grácio, Ana Martins, João Torres, Maria do Rosário Rodrigues e Ana Chambel são os autores do sexto artigo, *Robótica educativa nos primeiros anos de escolaridade: da formação à prática*. Fruto de um projeto centrado na formação de docentes para a integração de robôs em contextos educativos, o artigo analisa os percursos dos formandos e as suas perceções sobre a formação recebida. Destaca-se a importância da abordagem inicial para a introdução de conceitos

fundamentais e o papel de ambientes assíncronos, no moodle, na promoção da partilha e colaboração entre formandos durante a aplicação prática das aprendizagens em sala de aula.

O sétimo artigo, da autoria de Ana Mendes, tem por título *Digital ou analógico, eis a questão – as potencialidades do digital e as competências dos alunos do Ensino Secundário em História*, parte de uma experiência pedagógica para refletir sobre o uso das tecnologias digitais no ensino e aprendizagem da História. A partir de atividades desenvolvidas com os alunos de três turmas do Ensino Secundário, o texto analisa como as competências digitais – sobretudo aquelas ligadas à pesquisa e avaliação crítica de informação – podem influenciar os processos de aprendizagem nesta disciplina.

No último artigo, intitulado *Ensinar e aprender com o Instagram e a IA: um estudo no ensino superior*, Maria João Macário partilha uma experiência pedagógica numa Unidade Curricular de uma licenciatura em Comunicação Social. O estudo analisa as perceções dos estudantes acerca do uso do Instagram como apoio à aprendizagem, bem como da aplicação da IA generativa, tanto no contexto académico quanto nos seus futuros profissionais. Os resultados apontam simultaneamente para os potenciais práticos e de aprendizagem ativa

dessas tecnologias, e os riscos éticos associados ao seu uso. A reflexão suscita questões relevantes sobre a capacidade de o ensino superior integrar estas ferramentas e promover uma formação crítica e ética dos seus estudantes.

Referências bibliográficas

- Castillo-Esparcia, A., Caro-Castaño, L., & Almansa-Martínez, A. (2023). Evolution of digital activism on social media: opportunities and challenges. *Profesional De La información*, 32(3). <https://doi.org/10.3145/epi.2023.may.03>
- Hund, E., McGuigan, L. (2019). A Shoppable Life: Performance, Selfhood, and Influence in the Social Media Storefront. *Communication, Culture and Critique*, 12(1). <https://doi.org/10.1093/ccc/tcz004>
- Poell, T., Nieborg, D. & van Dijck, J. (2019). Platformisation. *Internet Policy Review*, 8(4). <https://doi.org/10.14763/2019.4.1425>
- van Dijck, J. (2014). Datafication, dataism and dataveillance: Big Data between scientific paradigm and ideology. *Surveillance & Society*, 12(2), 197-208. <https://doi.org/10.24908/ss.v12i2.4776>
- van Dijck, J. (2021). Seeing the forest for the trees: Visualizing platformization and its governance. *New Media & Society*, 23(9), 2801–2819. <https://doi.org/10.1177/1461444820940293>
- Zuboff, S. (2019). *A era do capitalismo de vigilância: A disputa por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Relógio D'água Editores.

Notas curriculares

Lidia Marôpo, doutorada em Ciências da Comunicação (FCSH-UNL), é professora coordenadora no Instituto Politécnico de Setúbal e investigadora no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA). Tem investigado sobre culturas digitais, com foco em crianças e jovens e publicado em revistas científicas nacionais e internacionais. Tem participado em projetos e redes internacionais, como a Rede Recria ou o projeto europeu ySKILLS (20-23). É autora residente na plataforma Crianças e Adolescentes Online (CriA.On).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4687-7628>

Susana Batista, doutorada em Sociologia, é Professora Auxiliar na NOVA FCSH, onde coordena o Mestrado em Estudos de Educação, e investigadora integrada no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA). Tem participado em projetos e redes internacionais, como a rede EU Kids Online ou projeto europeu ySKILLS (20-23). Nesses contextos, tem vindo a trabalhar sobre crianças, jovens e media, em particular no que diz respeito às sua literacia e competências digitais, cidadania e riscos. É autora residente na plataforma Crianças e Adolescentes Online (CriA.On).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2545-4538>